

# Tradução especializada

## Um conceito que precisa ser revisado<sup>1</sup>

Mayoral Asensio, Roberto\*

Traduzido por Wisley Vilela\*\*

### 1. Introdução

A tradução especializada e seus corolários – *tradução geral, tradução científica, tradução técnica, tradução jurídica, tradução médica*, e outras – são denominações amplamente aceitas em nossa área, em cursos e graduações, em eventos acadêmicos, etc. Essas denominações são o resultado das tentativas de classificar atividades relacionadas com a tradução (classificações, tipologias ou categorizações) e, como tais, deveriam facilitar o trabalho, a reflexão e a comunicação sobre a tradução. Minha opinião é que, neste momento, elas estão mais dificultando do que facilitando nosso trabalho e que é vital refletir sobre elas.

### 2. Categorização da tradução

A tradução como atividade pode ser submetida a diferentes tipos de categorização, segundo critérios diferentes. Se o critério for o **meio**, estamos

---

<sup>1</sup> Este artigo foi publicado originalmente em inglês na revista *Babel* da John Benjamins Publishing Company. Agradecemos ao autor e editores pela autorização concedida em publicar esta tradução. Referência completa do artigo: MAYORAL ASENSIO, Roberto “Specialised translation: A concept in need of revision” *Babel*, v.53, n.1, p. 48-55, 2007.

\* Roberto Mayoral Asensio lecionou tradução na Universidade de Granada, na Espanha, durante 25 anos, onde foi o decano da Faculdade de Tradução e Interpretação durante cinco anos, e tem sido professor visitante em Princeton, Dartmouth College e na Universidade Brigham Young. É também Pesquisador Associado na Universidade de Surrey, Roehampton.

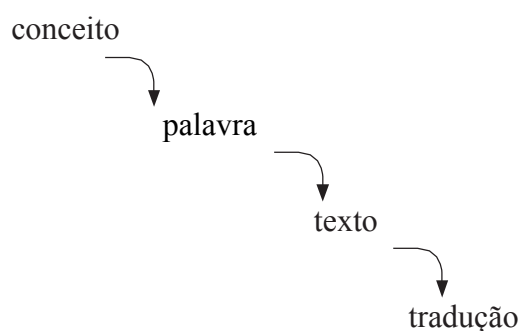
\*\* Wisley Vilela é tradutor freelance e faz graduação em Letras na UFRJ onde é bolsista em pesquisa sobre tradução.

falando sobre tradução e interpretação. Se o critério for a **situação** em que a tradução é feita, estamos falando sobre tradução audiovisual, tradução oficial, interpretação judicial, tradução para editoras, etc. Também podemos descrever a tradução a partir de dois eixos diferentes, relacionados entre si de diferentes maneiras, com o conceito da **especialização** dos textos traduzidos:

- *Horizontal, eixo extensivo (tema dos textos):* economia, comercial, jurídico, científico, técnico, médico.
- *Vertical, eixo intensivo (grau de especialização dos textos):* tradução geral, tradução especializada.

### 3. Categorizações emprestadas

Os estudos da tradução não criaram essas categorias. Elas se originaram em outras áreas mais antigas do que a tradução e foram herdadas por nós, em minha opinião, através de empréstimos precipitados e mecânicos. Elas foram adotadas pelos estudos da tradução a partir de estudos textuais que, por sua vez, as tomaram emprestadas dos estudos da Linguagem para Fins Específicos (LFE)/Terminologia. Onde as LFEs encontraram esses conceitos? Elas os obtiveram a partir da atual classificação de áreas do conhecimento, a qual estabelece uma correlação entre conceitos e palavras. Correlações adicionais produziram uma cascata que abrange essas etapas:



### 4. O eixo do grau de especialização (dicotomia): geral vs. especializada

O eixo vertical do grau de classificação (especialização) representa uma tentativa de categorizar realidades de acordo com a participação diferente

de um único parâmetro ou característica. Abordagens tradicionais têm encarado a realidade como **binária** (dicotomia sim/não): fatos participam ou não dessa característica (especializada vs. geral), onde a realidade, como uma demonstração de uma característica única observada a partir de visões mais contemporâneas, é vista como **analógica**, ou seja, um **contínuo** com polos máximo e mínimo em seus extremos:

Extremamente especializado  Minimamente especializado

Assim, cada realidade é alocada em um ponto diferente na escala ou contínuo. Entende-se por comunicação especializada aquela que ocorre entre especialistas em uma área, comunicação sobre assuntos específicos com o uso de jargão específico, ao passo que por comunicação geral compreende-se aquela que ocorre entre leigos na comunicação de fatos do cotidiano com o uso de vocabulário compartilhado por todos os falantes.

Isso significa que não há uma barreira nítida que separe a linguagem, comunicação ou tradução geral da especializada; que cada texto e cada ato de comunicação incluem, em diferentes proporções, elementos que podem ser caracterizados como gerais, e elementos que podem ser caracterizados como especializados. Isso é aceito por um crescente número de especialistas em LSP, terminologia e tradução. Fenômenos tais como a metaforização, variação linguística e idioleto, que costumavam ser considerados específicos da comunicação geral, são também facilmente percebidos na comunicação altamente especializada. Por outro lado, à medida que o conhecimento especializado tem se espalhado cada vez mais entre toda a população, conjuntos de conhecimentos (mecânica, economia, direito, medicina), que antes eram tidos como exclusivos de especialistas, têm-se tornado comuns para grandes segmentos da população e são encontrados na comunicação cotidiana. Em minha opinião, qualquer tentativa de traçar a linha divisória entre o geral e o específico está fadada ao fracasso.

Os estudos da terminologia costumavam reduzir a comunicação especializada ao que ocorria entre especialistas, mas os interlocutores inter-

vêm em combinações mais variadas (de especialista para especialista, de especialista para leigo, de especialista para político, de especialista para comprador, de especialista para aprendiz, de especialista para usuário) e os veículos e situações de comunicação de informação especializada também apresentam variedade maior do que aquela admitida pelas abordagens mais tradicionais da comunicação (quando a padronização da comunicação entre especialistas era a principal preocupação).

O conceito de especialização também é primariamente **subjetivo**. O mesmo texto é percebido com diferentes graus de especialização dependendo da familiaridade do receptor com o tema e a área. A mesma palestra proferida por um especialista pode ser percebida como demasiado especializada por uma parte da assistência, como “aceitável” por alguns e como muito superficial para outros.

##### **5. O eixo tema (primeira tipologia): científico vs. técnico vs. jurídico vs. economia.**

O eixo horizontal de classificação (tema) é usado quando a categorização de diferentes realidades torna-se tema de uma variedade de parâmetros. Aqui podemos encontrar não apenas uma classificação, mas uma variedade delas. A realidade é descrita mediante sua redução a diagramas de representações geométricas. Esse é um procedimento de metaforização da realidade, se admitirmos que as formas geométricas (que, por sua vez, recebem nomes de objetos do cotidiano) podem ser usadas como metáforas da realidade. Podemos também compreender esse procedimento como processo de teorização da realidade. Representações diagramáticas diferentes têm sido apresentadas como ajuda na categorização, tais como *patchwork* (objetividade), camadas (gramática gerativa), ondas concêntricas (Roundeau); flor com pétalas (Picht), conduíte (criticado por Lakoff), ou árvores (filogenética).

Em nossa área da tradução, bem como nos estudos da LSP, a maneira mais frequente de categorizar a tradução é através do diagrama de patchwork. No entanto, esse método tem-se provado altamente impreciso, visto que nenhuma realidade, nem mesmo as realidades biológicas, apresenta limites bem definidos com outras realidades contíguas.

Áreas do conhecimento não estão estritamente isoladas umas das outras: ciência, tecnologia, economia, direito; direito civil, direito de propriedade, direito matrimonial, direito processual. A categorização dessas áreas varia de acordo com a época e o lugar. Mesmo quando a tradução é frequentemente segmentada em científica, técnica, de economia e jurídica, fronteiras difusas entre elas são evidentes. Adicionalmente, categorias como a *tradução jurídica* se mostram mal definidas, visto que:

- às vezes, essa categoria é definida de acordo com o conteúdo dos textos e outras vezes de acordo com o quadro jurídico da atividade;
- o quadro jurídico cobre tipos de texto muito diferentes, contratos, legislação, procedimentos no tribunal, registro de documentos, administração, tratados, etc., cada qual passivo de ser eleito como o protótipo da tradução jurídica por diferentes autores;
- textos jurídicos raramente apresentam um único assunto ou quadro temático e quase todos contêm outra informação técnica, médica, etc.;
- por fim, não há correlação entre essas categorias de tradução e maneiras específicas de traduzir.

Em minha experiência, na maior parte das vezes o tema do texto tem se mostrado irrelevante para a tradução.

Recentemente, novos diagramas têm sido propostos para evitar a simplificação excessiva observável em diagramas anteriores: sobreposição de telhas (Asensio); sobreposição de escalas (cognitivismo, Rosh, Lakoff); cadeias (Givon), e novas abordagens à categorização surgiram, tais como *gestalt* (Snell-Hornby), similaridade familiar (Wittgenstein), análise de conjuntos e semântica de protótipos.

Além disso, qualquer classificação de um conjunto de elementos exige a escolha de qual deles representará cada classe, tornando-se o protótipo de classe. Se todos os elementos de classe apresentam as mesmas características, qualquer um deles poderia ser o protótipo, mas realidades relacionadas à tradução e textos, em geral, são totalmente diferentes entre si. Nesse caso, elementos que não são selecionados como protótipos são

elementos periféricos e não possuem exatamente todas as características da classe/protótipo. Adicionalmente, a escolha do elemento prototípico é **arbitrária**, visto que podemos eleger diferentes critérios e preferências pessoais para a representatividade (alguns autores apresentam a tradução de legislação como protótipo da tradução jurídica e extrapolam suas conclusões para a generalidade da tradução jurídica, enquanto outros elegem contratos, tratados, testamentos, julgamentos de tribunais ou, ainda outros, certidões de registros civis).

#### **6. Existe alguma base para a categorização tradicional?**

Quando uma categorização prevalece por longo tempo, deveríamos ser capazes de perceber uma justificativa para isso. Eu não iria ao ponto de negar todo e qualquer mérito nas categorias tradicionais de tradução. A observação da prática sugere que, em vista do acima, há uma diferença entre a tradução de difíceis casos prototípicos de textos comerciais, jurídicos, administrativos e de economia e os difíceis casos prototípicos de textos técnico-científicos. Se tal diferença não se baseia principalmente no tema, de onde ela procede? Em minha opinião, as diferenças entre esses dois grupos de textos e suas resultantes traduções surgem do fato de que eles induzem significado de maneiras diferentes. Textos técnico-científicos prototípicos visam induzir um único significado fixo e espera-se que permitam uma margem estreita para interpretação. Textos jurídicos e administrativos permitem interpretação de acordo com os diferentes interesses e ideias do receptor, mesmo quando juristas alegam que isso não acontece, e são acompanhados pelas *regras do jogo*, um conjunto de regras para sua interpretação, a hermenêutica do texto jurídico, regras que, por sua vez, são também abertas à interpretação. As consequências dessa distinção para a tradução parecem ser não apenas relevantes, mas também dramáticas.

#### **7. Um terceiro eixo de especialização (segunda tipologia): gênero**

Há mais um eixo possível para a categorização da “tradução especializada” que eu gostaria de comentar, que é a introdução ao parâmetro do *gênero*. O conceito de gênero foi emprestado de textos e estudos da LSP, eu diria que tão precipitadamente quanto os outros conceitos previamente comentados.

Gênero é um conceito mal definido, aberto a várias definições. O conceito comumente adotado pelos estudiosos da tradução é que gênero é uma classe de textos reconhecida como tal pelo receptor, visto conter convenções reconhecíveis em sua estrutura e outros elementos linguísticos, e que são produzidos em situações de comunicação similares. Eles propõem o gênero como conceito crucial para a tradução, pois, na opinião deles, isso facilita muito o trabalho do tradutor através do conhecimento das características distintivas do gênero equivalente na língua alvo. Com frequência, misturam gênero e assunto em sua análise e classificação, excluindo a possibilidade de gêneros *intertemáticos*.

O conceito de gênero foi concebido para a comunicação interlingual e prevê apenas um receptor. No caso da tradução, há pelo menos dois receptores, o tradutor e o leitor do texto traduzido, e alguém deveria explicar de qual deles se espera a identificação do gênero de ambos os textos, especialmente quando o gênero é uma questão de percepção e subjetividade e a habilidade de reconhecer determinado gênero varia dependendo dos leitores, particularmente, entre o tradutor, um linguista, e o leitor. No caso do tema, a designação de determinado texto como protótipo para um gênero é **subjetiva** e as características designadas não cobrirão todos os tipos de textos periféricos. A alegada utilidade do gênero na tradução fica seriamente reduzida quando consideramos que a imitação das convenções do texto na língua alvo é apenas uma das estratégias da tradução e que, com muita frequência, o texto traduzido imita as convenções do texto original ou tenta adaptar uma forma intermediária entre as convenções textuais da língua de origem e da língua alvo. Finalmente, assim como com o parâmetro do tema, diferentes gêneros parecem não estar relacionados a diferentes maneiras de traduzir e, como frequentemente acontece, distinções relevantes para uma área disciplinar perdem no mínimo uma boa parte de sua relevância e utilidade quando tomadas de empréstimo por diferentes áreas.

## 8. Conclusões

Qualquer tentativa de categorizar a atividade humana – neste caso, a tradução – resulta numa simplificação excessiva. Esse é o caso da teorização que muitas vezes adota a forma da metaforização. Classificação e teoriza-

ção são úteis, mas não podem substituir a realidade da qual se originam. Uma peculiaridade das *ciências humanas* — em comparação com as ciências naturais — é que as propostas de seus estudiosos podem modificar a realidade que eles estão analisando, ou seja, o processo de *reificação* da teoria. Ademais, classificações não são sistemas imutáveis, eternos, visto que dependem da variabilidade dos parâmetros usados, tais como a especialização e as categorias de conhecimento. Classificações usualmente contêm um forte componente de subjetividade. Assim, estudiosos da tradução deveriam perceber que classificações da tradução evoluem, que a atividade da tradução deve ser a marca registrada de suas propostas. Deveríamos também nos lembrar que, até agora, classificações da tradução não estão diretamente relacionadas a diferentes maneiras de traduzir, a problemas específicos, estratégias e soluções, e sua utilidade é, portanto, limitada ao refletirmos sobre a tradução e o treinamento de tradutores.

Esforços deveriam ser feitos para prover uma semântica de textos jurídicos que seja aplicável ao trabalho de tradutores, visto que a semântica regular é mais facilmente aplicada a textos técnico-científicos.

**Resumo:** A atividade da tradução – e associações, honorários, cursos e eventos a ela relacionados – tem sido tradicionalmente classificada através de um critério horizontal (extensivo) para a tradução geral e para a tradução especializada. Esta última tem sido, de maneira similar, subdividida em novas modalidades de tradução, segundo diferentes critérios. Esses critérios são horizontais (extensivos) (baseados nos temas dos textos: tradução científica, técnica, jurídica, e de economia).

Uma terceira abordagem da classificação da tradução é o conceito de gênero textual. Um exame cabal dessas categorias à luz do que sabemos hoje sobre a tradução mostra que todas elas foram emprestadas de outras áreas (ciência do conhecimento, LFEs, estudos textuais) e aplicadas à medição linguística, independentemente da natureza comunicativa e não descritiva de nossa área. Esse empréstimo mecânico produz relevantes discrepâncias entre o que aprendemos a respeito da tradução em teoria e o que aprendemos sobre a tradução na prática.



Tradução geral é um conceito sem correspondência na realidade profissional; a percepção do grau de especialização de uma mensagem tem um componente subjetivo poderoso; do mesmo modo, é fortemente subjetiva a percepção de pertencimento de um texto a um gênero específico. Quanto à atribuição de uma categoria definida à tradução de um texto segundo seu tema, trata-se de uma simplificação excessiva. Simplesmente não existem fronteiras bem definidas entre os temas dos textos ou entre a comunicação geral e a especializada. Um esforço deveria ser feito para evitar que o trabalho teórico se desprenda da realidade pela simplificação excessiva. A classificação da tradução deveria ser feitas de acordo com diferentes problemas, soluções e maneiras de traduzir associados a elas.

**Résumé:** L'activité de traduction – et les associations, honoraires, cours et évènements – est traditionnellement subdivisée en traduction générale et traduction spécialisée grâce à un critère horizontal (extensif). De la même façon, d'autres critères ont permis de subdiviser la traduction spécialisée en nouveaux modes de traduction. Il s'agit de critères horizontaux (extensifs), le sujet des textes étant la traduction scientifique, technique, juridique, économique, etc.

Une troisième approche permettant de classifier la traduction repose sur le concept du genre de texte. Un examen approfondi de ces catégories, à la lumière de ce que nous savons aujourd'hui de la traduction, montre que toutes ont été empruntées à d'autres domaines (science de la connaissance, LSP, études de textes...) et appliquées à la médiation linguistique, en dépit du caractère communicatif et non-descriptif de notre domaine. Cet emprunt mécanique entraîne de fortes divergences entre ce que nous apprenons de la traduction en théorie et ce que nous en apprenons en pratique.

La traduction générale est un concept qui ne correspond pas à une réalité professionnelle. La perception du degré de spécialisation d'un message comporte un élément fortement subjectif. De plus, percevoir un texte comme appartenant à un genre particulier est aussi fort subjectif. Assigner une seule catégorie clairement définie à une traduction en fonction de son sujet, est une simplification excessive. Il n'existe tout simplement pas de

frontière bien précise entre les sujets du texte ou entre une communication générale et spécialisée. Des efforts doivent être fournis afin d'empêcher le travail théorique de se détacher de la réalité par une simplification excessive. Une classification de la traduction devrait être faite en fonction des différents problèmes, solutions et modes de traduction qui s'y rattachent.